

A DOCUMENTAÇÃO DE MARIA LACERDA DE MOURA (1887-1945)

Miriam Lifchitz Moreira Leite*

Na ocasião em que escrevi a tese de doutorado *Caminhos de Maria Lacerda de Moura (Contribuição para o estudo do feminismo no Brasil)*¹ tive muita dificuldade para encontrar documentação. Durante 50 anos, Maria Lacerda fora mantida fora do circuito público de notícias e as lembranças de muitos dos que a tinham conhecido fora deformada pelo tempo, pela idealização ou pelas discriminações correntes.

De 1983 para cá, a situação mudou. Os estudos sobre a mulher, de que ela foi pioneira não reconhecida, tiveram um razoável desenvolvimento e, em diversos deles, suas idéias e livros foram repassados com atenção ou como notas bibliográficas. Atualmente, ou seja, em meados da década dos anos 90, existem teses em curso na área de Educação e na área de História sobre sua obra escrita, já adjetivada por reflexões sobre a atuação educacional e política e procurando articulá-la à obra de outras feministas e anarquistas. Apesar disso, em 1987, o centenário de seu nascimento passou em surdina.

A apresentação de alguns documentos que me foram encaminhados por dedicadas pesquisadoras e as reações publicadas ou manuscritas à publicação do livro *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*² deram origem a estas reflexões sobre a documentação que, sem ter coisa alguma de novo, não andam ainda absorvidas.

Fundamentalmente, as tensões e contradições apresentadas em 1984 não se alteraram. As transformações observadas e compreendidas se deram no contex-

* Pesquisadora do NIME e CAPH/FFLCH/USP.

1. MOREIRA LEITE, M. L. *Caminhos de Maria Lacerda de Moura: Contribuição para o estudo do feminismo no Brasil*. São Paulo, 1983. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo.
2. MOREIRA LEITE, M. L. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo, Ática, 1984.

to econômico e social, no aprimoramento da crítica feminista e nas leituras mais abrangentes que esses doze anos permitiram ter dos indícios fornecidos tanto pela nova documentação, quanto pela já analisada.

Uma das maiores dificuldades de uma reconstrução histórica é o trabalho com pessoas, cidades, associações, crenças e valores que representam formas de vida e estão, portanto, em fluxo permanente. No caso vertente, um dos obstáculos à estruturação da tese foram as mutações constantes na trajetória da personagem, que atuou e escreveu em diferentes áreas e reagiu diferentemente a distintas condições sociais do mundo em que viveu. Essas mutações continuaram a ocorrer nas condições sócio-econômicas de seus leitores, no desenvolvimento dos saberes sobre a mulher, sobre o simbólico, sobre as relações indivíduo-sociedade e na orientação do feminismo, propiciando leituras mais diferenciadas da documentação encontrada mais recentemente.

Os documentos descobertos foram:

1922 – *O Actual Regimen Social solucciono (sic) problema de Protecção á Infância?*

Educação Laica.

Das Vantagens da Educação Intellectual e Profissional da Mulher na Vida Prática das Sociedades.

A Educação Feminina.

Teses apresentadas ao I Congresso Brasileiro de Protecção à Infância com Anais publicados em 1925, pesquisados pela escritora Maria Lucia Mott.

1926 – *Carta manuscrita endereçada à escritora portuguesa Ana de Castro Osório. Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção Espólios.* Pesquisa da professora Nadia Gotlib.

1935 – *Animais Selvagens... animais domésticos...* In: *O Malho* 24/X/1935, transcrito pela escritora Maria Lucia Mott no *Mulherio* VI (26) p. 24 set.-nov. 1986.

As 4 teses enviadas ao I Congresso de Protecção à Infância são trabalhos de uma professora primária com muita leitura, imbuída de princípios de fraternidade universal fundamentados num anti-clericalismo enraizado no livre-pensamento. Sua proposta de então é uma educação científica e racional, procurando anular a influência jesuítica na escola moderna.

“A educação laica se impõe, a fim de fazer desaparecer a intransigência religiosa e tornar a Terra uma imensa comuna, governada por uma única autoridade – o Amor, dominada por uma só religião – a procura da Verdade ”(p. 388).

"A coeducação se impõe" (p. 471). Que todas sejam educadas ao lado do homem. O que é preciso é educar a mulher para o lar e ao mesmo tempo para a sociedade. Uma cousa não exclui a outra".

"O trabalho manual ao lado do trabalho intellectual ... São forças que se equilibram" (p. 475) – ... toda escola deve ser laboratório, officina" (p. 477).

"A educação popular resvala dia a dia para as mãos da mulher: é urgente elevá-la à altura dos resultados a que é preciso atingir em vista do futuro sempre maior. A educação deve ter por base o princípio da *School and Society* da Teachers College de New York - . A evolução da criança sob a influência da educação atravessa as fases por que passou a humanidade na sua evolução".(p. 571 e 575).

À primeira vista, o que fica claro é que alguns aspectos dessas teses passaram a ser questões óbvias e aparentemente indiscutíveis, enquanto outros continuam a ser aspirações e inovações .

No âmbito da educação formal as inovações são lentas e oscilantes. Questões de longa, média e curta duração se alternam e sua análise, em momentos diferentes, não pode ser feita com perspectivas equivalentes.

A autora e seu público contemporâneo pertenciam a um mesmo universo de discurso: são professores da rede pública, comemorando o Centenário da Independência do Brasil com um Congresso de Proteção à Infância, sob o patrocínio do presidente da República. Nesse momento, Maria Lacerda de Moura incluía-se entre as professoras mobilizadas oficialmente para construir uma nação, a partir de uma população heterogênea, dispersa e com 80% de analfabetos.

Dada a riqueza de informações e indícios que a compõe, a transcrição da carta de 1926 facilita a continuação destas reflexões.

"São Paulo, Janeiro de 1926.

"Minha Querida Amiga

"Saudações muito affectuosas.

"Fausto Ferraz reside aqui, à Av. Paulista, 143.

"Minha revista, era uma vez. . . por dificuldades econômicas.

"Quanto ao movimento feminista – retirei-me logo. Não é nada disso que o meu espirito irrequieto e atormentado deseja. Uma desillusão não diria, mas, uma experiencia mais fecunda me veio de todo esse movimento. Retirei-me e creio que para sempre: trabalho sozinha, publico meus livros assumindo, corajosamente, a responsabilidade dos meus ideaes e – individualismo . . .

"Isolei-me da sociedade: trabalho nas minhas aulas de professora particular (independente, portanto) e leio e escrevo.

"Cada vez restringindo mais o circulo já muito limitado das minhas relações.

"Não recebi seu livro *A Grande Aliança*. Os correios desta terra são verdadeiras instituições. . . Por favor – registre-me o que me fizer o obsequio de mandar. Não desejo perder nada que vem da minha amiga, tão attenciosa, tão boa.

"Não deixaria de lhe escrever si o tivesse recebido, está claro.

"A propósito do Dr. Miguel Bombarda: mande-me por obséquio trecho da carta a que se refere.

"Fiquei curiosíssima de o saber e está visto que, na terceira edição de *A Mulher é uma Degenerada* direi algo a respeito. Espero ansiosa essa nota a propósito da sua última opinião a que se refere o livro.

"Espero que não deixará de attender ao meu pedido e publicarei um trecho de sua carta, junto á nota do autographo.

"Não recebi também *O direito de mãe* que muito me interessa, nem as novelas.

"Eu ir a Lisboa? – Não sei. As minhas condições economicas não me permitem senão um viver modestissimo e de muito trabalho. Destino.

"Estou com dois livros para publicar *Religião do Amor e da Belleza e A Mulher e a Maçonaria* – talvez sejam impressos este anno.

"Soube hoje de uma edição, em castelhano, saída na Argentina de *A Mulher é uma Degenerada*.

"Não acha curioso que a Autora o ignorasse? Disseram-me que todos os mostradores expoem grande quantidade de exemplares nas livrarias. Pessoa que veio de lá ficou admirada da tal profusão.

"Mas, até aonde vou?

"E Mariazinha? Saudades áquella Amiguinha.

"Visitas á Sra. Virginia Quaresma.

"Beijo-a com affecto

"Maria Lacerda de Moura"

[Na margem]: "D. Eunice Caldas está morando com D. Anna Galheto há mais de 2 annos, disseram-me".

A alteração mais imediata entre a autora das teses de educação e a desta carta é o abandono do magistério público, recusando a condição de professora da República e passando para a condição de professora "particular" e mulher-escritora. Assumiu uma attitude profissional, afastada tanto da tutela do Estado brasileiro, como do movimento feminista sufragista, que deixara de satisfazer suas aspirações de fraternidade universal. A Federação Feminista liderada por Bertha Lutz procurara se implantar através da tutela governamental e era formada por senhoras abastadas das camadas dominantes.

Uma carta de aplauso ao líder anarquista Fábio Luz, de 15 de dezembro de 1922, encontrada no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, confirmou que a

residência de Maria Lacerda de Moura nessa ocasião ficava na Rua Estados Unidos, 25. Para o leitor atual, essa residência, da qual se tem uma fotografia, em que ela aparece na janela do andar superior, indicaria um alto nível de vida, dada a valorização imobiliária dessa zona urbana. Todavia, quando Maria Lacerda fez a casa, esta ficava num terreno isolado, no meio de uma região semi-pantanososa, ainda por ser transformada pelos loteamentos valorizadores da Cia. City.

A carta, falando de um *destino* de só poder ter condições modestíssimas de vida, com muito trabalho, poderia ser uma avaliação subjetiva discutível. Mas não era. Seu pai era um pequeno oficial de cartório em Barbacena, vindo da zona rural de Manhuassu, MG.

Sua formação educacional exclusiva se fizera na Escola Normal Municipal de Barbacena, a que acrescentara o que chamava de "leituras sérias" de trabalhos científicos e doutrinários. Era uma autodidata que se diferenciava dos pobres pelo diploma de professora e pelo vigoroso empenho de lutar pela educação e pela libertação das convenções sociais. As sufragistas, para ela, eram mulheres privilegiadas em busca de mais um privilégio (o direito de votar e ser votada) junto a seus pares.

O individualismo proclamado aqui, entre travessão e reticências, é sublinhado pelo trabalho isolado. Assumir a responsabilidade de seus ideais foi uma decorrência de seu afastamento sucessivo dos sucessivos grupos de apoio: primeiro a família e a escola oficial, depois, a cidade de Barbacena e a instalação numa São Paulo que se urbanizava aceleradamente, fazendo-a muitas vezes refletir sobre a multidão solitária. São Paulo se espraiava para além do núcleo inicial, marcando os espaços das diferentes camadas sociais e seus estilos de vida, que não sofriam tanta diferenciação nas cidades menores.

No caso de Maria Lacerda de Moura, a opção pelo individualismo fundamentava-se também na doutrina de Max Stirner, e implicava numa das contradições com que teve de se haver com o ideal de fraternidade universal. O seu "isolamento da sociedade" pode levar a conclusões duvidosas. Enquanto manteve a revista *Renascença* com seus cinco números em 1923, teve grande ligação com mulheres escritoras e ativistas políticos. Foi colaboradora constante dos jornais anarquistas de Edgar Leuenroth e sua participação nos festivais anarquistas foi freqüente, através de conferências educativas e peças teatrais doutrinárias. A carta endereçada a Ana de Castro Osório³ indica um relacionamento não apenas profissional com escritoras portuguesas muito ativas, que mantinham jornais e revistas feministas.

Mesmo quando se retirou para a comunidade de Guararema, estava ligada não apenas aos "objetoires de consciência" que se tinham recusado a combater na

3. TAVARES DA SILVA, Maria Regina. *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX*. 2 ed. Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

Primeira Guerra Mundial, como às demais comunidades organizadas através da América do Sul, como comprova o convite que teve para visitar a Argentina e a bela acolhida que recebeu.

É verdade que seus contactos com os escritores, poetas e pintores foram esporádicos e sempre com um objetivo político. O pragmatismo com que encarava sua “missão” de desmistificadora das convenções sociais tornava-a intolerante com “atividades sem utilidade”, onde englobava, em rude tom panfletário a literatura, o cinema e o esporte.

Uma de suas manifestações contra a vida moderna da cidade foi contra os *reclames* e os *mostradores*. Sua austeridade repelia o consumismo que apenas se iniciava pela instalação de indústrias e da expansão comercial e financeira de São Paulo. A novidade representada pelas vitrinas de vidro, onde os produtos – inclusive seus livros – eram exibidos exclusivamente para aqueles que os podiam comprar, era outra forma de discriminação social a que reagia.

Sua correspondência profissional com mulheres escritoras não se referia ao que considerava o “sorriso da sociedade”, mas a ensaios e estudos sobre a condição feminina, a situação da mulher-escritora, os perigos do clericalismo, do fascismo e da guerra, as possibilidades e as impossibilidades de educar.

A chave de seu pensamento pode ser encontrada em Stuart Mill, quando diz que a educação serve para “estabelecer no espírito de cada individuo, uma associação indissolúvel entre sua felicidade e o bem do conjunto dos homens”⁴.

Quando deu a seus artigos a forma de pequenas fábulas, usava esse recurso para explicitar a “moral da história”, como em alguns de seus livros e neste terceiro documento de 1935, escrito para a revista humorística *O Malho*. Mesmo colaborando numa revista e lançando mão de elementos populares como o jogo do bicho, suas palavras conservam do tom panfletário habitual, um pesado sarcasmo sobre os desencontros da historieta, em inteiro desacordo com a leveza do humor da revista.

Outra dificuldade para a recuperação equilibrada de situações e atitudes é conseguir não esquecer que muito do que estamos percebendo hoje era o usual e que muito do que é lembrado não passa de reações favoráveis ou não a elementos novos ou inovadores, na ocasião em que ocorreram. Muitos dos intelectuais que se lembravam de Maria Lacerda, quando indagados, apontaram unicamente suas idéias “chocantes” e “indecentes” sobre a maternidade consciente e o amor plural. As professoras e ativistas mulheres guardaram mais a recusa à tutela do Estado, o destemor e as inovações educacionais, com algumas restrições a posições mais

4. Cf. STUART MILL, John. *Of Individuality, as one of the Elements of Well Being*. In: *On Liberty*. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1952. p.293-302.

radicais. Mesmo os mais compreensivos entre seus contemporâneos interpretaram a opção pelo isolamento na comunidade de Guararema, não como uma deliberação consciente, mas como um desequilíbrio emocional.

É verdade que os desequilíbrios trazidos à vida das famílias pelas transformações urbanas da década de vinte foram responsáveis por muitos internamentos de mulheres em sanatórios paulistas. A disciplina da população urbana processou-se pela criação de diversas instituições policiais e repressoras, além da medicalização principalmente das mulheres que aderiam ou se recusavam a aderir às inovações do mundo urbano.

Muitas das idéias defendidas e praticadas por Maria Lacerda, longe de serem expressões individuais, provinham de reações às circunstâncias da intensa urbanização vivida na década de 20. É o que sabemos hoje, através das mulheres escritoras portuguesas do início do século XX e das dos Estados Unidos, Inglaterra, Áustria, União Soviética, Espanha e França nesse período.

A “nova mulher” era um resultado do século XX, onde se mesclavam crenças e mitos rurais referentes às relações sociais, conjugais e jurídicas e novas imposições da vida urbana às famílias, limitadas em seu espaço e em suas funções.

Lembre-se que são de 1920 duas expressivas manifestações literárias: *Paulicéia desvairada* de Mario de Andrade e *Um Quarto só Meu* de Virgínia Woolf, um foco masculino e outro feminino a iluminar as transformações do primeiro após-guerra, com a aceleração da informação e da comunicação, a verticalização dos grandes centros em torno de instituições financeiras internacionais, a alteração das formas de sociabilidade e as inovações industriais, comerciais e tecnológicas dos costumes, da arte e da ciência.

O individualismo proclamado por Maria Lacerda de Moura, apesar do seu tom agressivo, era envolvido em misticismo (ou espiritualismo), na linha de Tolstoi, Gandhi e Romain Rolland, de resistência passiva e não-violência, na direção da fraternidade universal.

O seu “isolamento” significava um recolhimento a uma economia de sobrevivência, em reação ao industrialismo capitalista que conduz inevitavelmente às guerras. Contudo, suas denúncias e atuação anti-fascistas e pacifistas foram também inteiramente esquecidas.

E, curiosamente, cinqüenta anos depois de sua morte, é uma secretária de Estado da Justiça, Maria Eduarda Azevedo⁵, abrindo um Seminário em Lisboa de

5. AZEVEDO, Maria Eduarda. Discurso de Sua Excelência a Secretária de Estado da Justiça. In: *Estudos sobre as Mulheres em Portugal – Actas do Seminário*, realizado em Lisboa, 14-5 jan. 1993. Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1993. p. 18.

Estudos sobre as Mulheres em Portugal, quem mais se aproxima do que acredito ser o pensamento de Maria Lacerda:

“Todos os segmentos da sociedade devem ter a possibilidade de partilhar os benefícios gerados pelo progresso econômico e, bem assim, sentir que lhe são proporcionadas oportunidades de participação efectiva na construção do projeto de sociedade e que a sua opinião conta.

“Nesta perspectiva, a problemática da igualdade de oportunidades entre o homem e a mulher, bem como a eliminação de comportamentos discriminatórios contra a mulher, mantém hoje plena actualidade e constituem objectivos programáticos com dignidade idêntica à defesa do ambiente, à atenuação das assimetrias regionais, à erradicação de focos de pobreza ou à melhoria do nível de educação”.